

# Fronteiras simbólicas como espaços vivos *na beira do mar*, de Maria Manuela Margarido, poetisa santomense

*Edmilson Rodrigues\**

*“Povo, de ti canto o movimento  
teu nome, canção feita de fronteiras”  
(MESTRE in FERREIRA, p. 387)*

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra fronteira envolve saberes sobre a cultura e, indubitavelmente, sobre a arte. Tais conhecimentos nada mais são que diálogos interculturais que se estabelecem em espaços sociais entre sujeitos históricos e suas relações globais num conjunto de fenômenos.

Aqueles espelhando o sujeito e o objeto na vivacidade da vida, através do seu instrumento de arte, a literária que denuncia o *modus operandis* da sociedade civil. Esta com sua capacidade linguística reveladora da cultura a qual, segundo Eliot, expressa “antes de tudo, o que os antropólogos entendem: o modo de vida de um determinado povo vivendo junto em certo lugar” (ELIOT in EAGLETON, 2011, p.159).

Na categoria cultura, segundo Eagleton, “entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado” (EAGLETON, 2011, p.11). Nessa dialética entre o que o sujeito faz no mundo e o que o mundo impõe ao sujeito, o texto de Maria Manuela Margarido, poeta santomense, *NA BEIRA DO MAR*, permite a reflexão sobre a teoria do texto que, em sua criação, articula as instituições com a vida, as formas das relações humanas com a história social dos eventos, ampliando o campo específico de fronteiras geográficas para fronteiras simbólicas em suas interações e práticas sociais colaborando mutuamente à construção de suas identidades.

Nessa pesquisa bibliográfica, o texto revela uma permanente tensão entre o que existe no histórico-social e a vocação verdadeira do poeta – na totalidade de sua práxis reveladora do sujeito africano ainda aprisionado nas metáforas do mar: como “ração de combate” (ABREU in SAÚTE, 2004, p. 582).

\* UFMA/Axolotl

## 2 FRONTEIRAS COMO ESPAÇOS VIVOS

O sentido e significado da palavra fronteira desde a concepção das Políticas Públicas envolvem muitas questões - sociais, históricas, geográficas, geopolíticas, linguísticas e econômicas. No entanto, neste texto, vamos tratar da categoria 'fronteira simbólica' como elemento que origina a quebra de paradigmas histórico-sociais do sujeito africano, através do texto poético, criando outras imagens e modos de apropriação da palavra denunciadora de fronteiras culturais e linguísticas resultante de escolhas dos repertórios literários.

A fronteira simbólica é visível nas interações e práticas sociais entre grupos, etnias, famílias e clãs que vivem e colaboram mutuamente com vistas à construção de suas identidades, seus pertencimentos, suas idiossincrasias alijadas pelo europeu, mas reconstruídas na magia do literário. "agora não tenho fronteiras,/ mas quando o exílio da memória/ me retém no espelho dos dias/ ao sentido original das coisas/ regresso" (ARTUR in SAÚTE, 2004, p. 552). Consciente de sua posição no mapa do mundo, o poeta africano está em constante sentido do retorno, como uma urgência de viver e ser sujeito de sua história.

Desse modo, o texto literário, surge como uma (re)elaboração e representação social, histórica, linguística e política de e sobre os sujeitos habitantes de espaços fronteiriços nos "mares-obstáculos,/ outrora grades da nossa prisão,/ testemunhas do nosso sofrer" (CABRAL in ANDRADE, 1979, p. 177) – prisão e fronteira decalcadas no literário.

Essas categorias, aqui no texto, ainda que comparadas com o real sentido histórico de fronteira política, já bem entendido por muitos, trazem concepções e modulações relevantes do literário como fronteiras imaginárias, divisas forjadas, separações impostas e territorialidade linguística como espaços complexos de (re)criações.

Nessa visibilidade de território linguístico, (BERGER 2015, p. 46) define como

Esferas de uso das línguas, não somente as demarcadas pelo poder exercido via instrumentos legais ou por intermédio de instâncias governamentais, mas também por outros agentes e grupos que, no campo das relações, agem sobre os usos das línguas, demarcando espaços de controle e fronteiras relacionais entre os grupos que delas compartilham, de forma descontínua.

Isso tudo porque, as relações culturais, geográficas, econômicas e literárias definem o uso da territorialidade linguística, revelando o personalismo comunitário<sup>1</sup> na forja da língua do dominante, como espaço de controle; no entanto, sabemos que tais partilhas são complexas quando pensadas para o continente africano ante tantas fronteiras forjadas, decalcadas e impostas por colonizadores.

O texto literário, nessa apropriação de imagens, reflete e é refletor de um imenso uso de línguas e culturas que, no uso da expressão linguística, se debruça sobre esse imenso caudal simbólico, “demarcada pelo poder exercido via instrumentos legais”: as línguas.

Poder que cria a consciência social e linguística como espaços de relações e articulações da interculturalidade – “E outros nomes da minha terra/ afluem doces e altivos na memória filial/ e na exacta pronúncia desnudo-lhes a beleza” CRAVEIRINHA in SAÚTE, 2004, p. 73).

À luz dos estudos de Luana Ferreira Rodrigues, (MENDES, STURZA e BERGER, 2023), vejamos algumas definições sobre fronteira como fator relevante para o presente texto.

Fronteiras são fator e contingência da existência dos Estados Nacionais e, antes deles, com menor precisão, de diversos tipos de ordens sociais, das tribos aos impérios multiétnicos. Marcam o alcance de um poder, permitem medir a capacidade de imposição da violência legítima, definem a inclusão e a exclusão, o dentro e o fora, são o termômetro para as mudanças na balança da hegemonia. Definem, enfim, uma grandeza essencial para a existência humana: o território (OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Para o estudo deste texto, são destacadas, acima, três categorias cruciais aos estudos das fronteiras, quer sejam imaginário-literárias, como no nosso estudo, quer sejam geopolíticas, quer sejam fronteiras simbólicas e culturais.

Como síntese temos – simbólicas a partir do momento em que as interações e práticas sociais entre grupos que ali habitam vão colaborar para a construção de suas identidades e para a elaboração de uma representação social sobre esses indivíduos e sobre os espaços fronteiriços. Fronteiras culturais, segundo (PESAVENTO, 2006, p. 04), “implicam uma dimensão basculante entre duas realidades, em ambivalência de sentidos: ser um e ser dois ao mesmo tempo, ser si próprio e ser o outro”.

Importar por em relevo que as fronteiras linguísticas, diferentemente das fronteiras geopolíticas, não possuem limites fixados, elas se relacionam com as fronteiras simbólicas, culturais e étnicas, uma vez que se caracterizam pela sua fluidez, mobilidade e permeabilidade.

É possível destacar que as relações entre língua e fronteira são indissolúveis, visto que, as fronteiras linguísticas nos territórios fronteiriços se (re)constróem na interação social, na escolha dos repertórios linguísticos daqueles que se movem em determinado espaço (MENDES, STURZA e BERGER, 2023).

Dito isso, as autoras nos ajudam a afirmar que as fronteiras linguísticas estão diretamente relacionadas aos territórios linguísticos, posto que os limites fixados para o início e fim de um território político não irão coincidir com os limites linguísticos estabelecidos pelas fronteiras simbólicas e culturais dos grupos que vivem naquele espaço social.

Uma definição precisa e unívoca de fronteira é difícil de formular, devido a diversidade de fenômenos que expressa. Ele adquire assim, um significado muito amplo e, às vezes, de contorno indefinido.

No entanto, para esse artigo optamos por fronteiras simbólicas por possibilitarem as interações e práticas sociais entre poetas “procurando afirmar-se no espaço vivo” (MARGARIDO in FERREIRA, 1997, p. 472) da poesia que colabora à construção de suas identidades, com vista à elaboração de uma representação social nos seus espaços linguísticos fronteiriços: “a derrubar/ paliçadas e fronteiras” (MARGARIDO in FERREIRA, 1997, p. 472) outras, através do literário.

### 3 FRONTEIRAS IMAGINÁRIAS

Nessa pesquisa, as fronteiras, como “sinais de navegação”, tangenciam as reflexões sobre o texto de Ana Mafalda Leite (1998, pp. 69 e 96) – do capítulo, *Oralidade, Escritas: Ilhas, mares, Rios, Confluências*, onde lemos:

É a partir destes “sinais de navegação” que vamos, porventura, entender as razões que levam os narradores a deslocar os antigos temas urbanos e suburbanos, em que a radicação à terra ganhou terreno e primazia, para essa “fronteira líquida” em que o mar permite entretecer, ora mais óbvia ora mais obtusamente, formas de repensar as culturas, os choques entre a modernidade e a tradição, entre o legado oral e a escrita. (LEITE, 1998, pp. 69 e 70. Aspas da autora).

Nesse entretecer, como sinais de navegação, na poética de Margarido percebemos as características, a presença e os valores dos movimentos sociais e históricos vividos durante o período de colonização. O texto literário revela a unificação das ideias, o socialismo da linguagem, o elemento

central de contestação, pois, a reinterpretação do mundo do colonizador é percebida na abordagem poética como espelho de uma época, modificando e reinterpretando-o sob os estímulos das vicissitudes históricas.

Esses valores revelam os “SERVIÇAIS”, (MARGARIDO in FERREIRA, 1997, p. 472), subordinados aos dogmas do processo da diáspora que os episódios históricos revelam. No entanto, nessa tensão de ideias, o texto literário apresenta outros eventos.

Os episódios de comportamento coletivo constituem amiúdo um primeiro estágio de mudança social, manifestam-se quando se apresentam condições de tensão, mas antes que os meios sociais tenham sido mobilizados para um ataque específico e quiçá eficaz às causas dessa tensão (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO 1992, p. 788).

Posto assim, por um lado, há, no poema de Margarido, uma desestruturação do poema singelo, pois, através da vontade racional, na intervenção do sujeito pensante, os jogos de influências ganham a conversão do dizer sensível, umedecido do sortilégio do sentir marítimo, posto que o poema, como “o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes às realidades configuradas, uma situação de ambivalência” (CHEVALIER e GHERBRANT, 1999, p. 592), como todo texto poético que emana da pulsão dialética entre a evolução das ideias e a da realidade.

Os malabarismos da linguagem, em Margarido, se estruturam na viagem do ser poeta que navega em memórias, na tênue linha que estrutura o sensível e o perceptível, o ficcional e o histórico denunciando “comportamentos coletivos” que vincam suas narrativas de opressão em “condições de tensão social”.

Nauta onisciente do percurso de viagens, os narradores se apresentam constantemente na travessia metafísica, na qual as imagens são o autêntico vetor de simulação, vividos em estratégias linguísticas disseminadoras de outras travessias. Sua relação com os espaços geográficos dos ilhados se alonga com luz artística que ilumina e transfigura a realidade, pois os textos de Margarido exprimem uma relação imediata com a natureza, no seu intercâmbio orgânico – “ROÇA”, “PAISAGEM”, “CAMINHOS” são exemplos de títulos de poemas nos quais o processo produtivo tem um valor de uso para o consumo, na exploração do humano que “se arrasta/ até explodir/ na alta ânsia de liberdade” (MARGARIDO in FERREIRA, 1997, p. 470).

Navegante das conversões do roteiro de bordo, especula o invisível social que se faz visível na retina da memória. O milagre da criação artística se solda à dimensão do milagre da concepção de liberdade entre imagens marítimas sempre fecundando as fronteiras sociais, históricas, albergadas no literário.

Na elaboração da obra da autora santomense, as relações que aproximam o eu-poético traduzem uma intensa relação afetiva de pertencimento à oficina da opressão: do mar emanam sentidos da prisão do ser com suas histórias temperadas no contínuo da vida enclausurada pela opressão. Pois, para o poeta, a estatura do mar sonda os vazios da linguagem poética, com percursos intervalares, para se impor em signos reais prenhes de enigmas e vozes.

O espírito poético adensa o vigor das metáforas marítimas, criando laços de pertencimentos entre o processo de escrita do poeta sobre o mar como escrita que preenche os vácuos da linguagem do dominante, por não perceber que – “nas águas/ Estão acessas a esperança” (MARGARIDO in FERREIRA, p. 472).

Ante o poderoso mecanismo de invenção/simulação, o poeta mostra a potência, onde sensibilidade e desejo de evasão se confundem, qual a fronteira simbólica que se adensa entre a consciência política e a poética que conscientiza pelo vigor da palavra como, (“Geopolítica do medo: *À frente da história seguem os heróis/ os santos e os poetas*” (MESTRE in FERREIRA, 1989, p. 137 itálico do autor)) travessia sondável no percurso da linguagem.

O poema surge, pois, dentro de um quadro de referências da ação social do capitalismo que, desde sua chegada venceu, na imagem do mar, a gênese do conflito existencial africano, despertando a consciência dos que se defrontam nas fronteiras imaginárias, sociais e históricas.

#### NA BEIRA DO MAR

Na beira do mar, nas águas,  
Estão acessas a esperança  
o movimento  
a revolta  
do homem social do homem integral

Inclino-me para além das próprias fronteiras  
varrendo com decisão  
os imensos quilômetros de distância  
E todos os caminhos tomam  
o caminho da ilha

Nenhuma luz nos ofusca a visão  
e dolorosamente nos encontramos,  
acertando o passo  
acertando as ideias  
procurando afirmar-nos no espaço vivo

A terra é nossa,  
guarda a marcha dos nossos pés,  
está empapada pelo nosso suor:  
eis que avistamos a hora rubra do amanhecer  
quando os papagaios se lançam no espaço  
desfraldando uma bandeira ardente  
e no céu cru da ilha a palavra justiça  
ondula.  
(MARGARIDO in FERREIRA, p.473)

O texto da autora santomense doa formulações globais sobre movimentos sociais, linguísticos e, principalmente, sobre fronteiras simbólicas. Todavia, tangencia um ponto principal de reflexão, por permitir de imediato, uma visão do fenômeno coletivo que revela a consciência de um destino comum – o processo de colonização com a chegada dos navios europeus. As condições de tensão e desespero, as experiências subjetivas e objetivas revelam a dialética, centro-periferia, presente no poema.

Dessas digressões acima, metaforizando a criação entre poesia e romance, forma e conteúdo, podemos lembrar o essencial da enunciação do pensamento dialético que produz a eliminação da indiferença da forma em relação ao conteúdo. Assim, a forma romance compreenderia a afirmação do mundo burguês, enquanto que o conteúdo da poesia insere “a revolta/ do homem social do homem integral” (MARGARIDO in FERREIRA, p.473). na realidade do processo histórico.

Dessa modalização dialética, o título – NA BEIRA DO MAR – define tanto beira, no sentido de orla, margem, como pela opção da tipologia poética, negação do centro determinante do sucesso, da forma, do estilo e da temática do europeu que se insere nos espaços por tipologias canonizadas. A tipologia – poesia – confirma a práxis poética<sup>2</sup> dos africanos como canto armado “Para o alto mar e para os grandes celeiros” (FERREIRA in NEVES, 1963 p.25).

Daí surge a identidade do pensamento de rebeldia que se fundamenta no processo de criação poética. O sujeito histórico, o poeta africano, e o objeto, a palavra poética, ganham a dimensão das metáforas marítimas tradutoras de novas consciências das relações sociais. Conteúdo que aqui, aprisiona a forma para declarar a dualidade do fazer poético, NA BEIRA DO MAR surge como expressão da emancipação, ícone de reflexões sobre o passado passível de releituras em abordagens críticas.

No entanto, o caráter inovador, está no uso recorrente da palavra mar que, aparentemente, nomeia apenas o significado. Porém, para o poeta, o signo mar entra no campo das metáforas inusitadas por alcançar um

lugar significativo nas reflexões sobre o processo da diáspora. Assim, no fundamento de conhecimento que esbulha o critério de verdade, o poema ressignifica o momento devastador, o “Prelúdio”: “Quando o descobridor chegou/ e saltou da proa do escaler varado na praia (...) nessa hora inicial/ começou a cumprir-se/ este destino ainda de todos nós” (BARBOSA, in APA, BARBEITOS e DÁSKALOS, 2003, p. 128).

Sabemos, pois, que os poetas bradam – “O mar transmitiu-nos a sua perseverança/ Aprendemos com o vento a bailar na sua desgraça” (MARTINS, in APA, BARBEITOS e DÁSKALOS, 2003, p. 153). Esse elemento confirmante da presença do colonizador imprime na alma do sujeito africano – “O drama do Mar/ o desassossego do Mar,/ sempre/ sempre/ dentro de nós” (BARBOSA, in APA, BARBEITOS e DÁSKALOS, 2003, p. 125). O sujeito plural, devastado pelo salto da proa, como percebido nos excertos, consolida-se neste último exemplo – “Namorando a morabeza dos oceanos/ fraternalmente somos África” (AURIGEMMA, in APA, BARBEITOS e DÁSKALOS, 2003, p. 185).

Fraternalmente, porque, “nas águas,/ estão acessas a esperança/ o movimento/ a revolta”. A palavra morabeza traduz bem essa ideia – afabilidade, hospitalidade – dito assim, o personalismo comunitário confirma o valor absoluto do poeta africano, via opção da temática do mar, reiterando os vínculos de solidariedade com outros poetas.

Na morabeza da “esperança”, “movimento”, “revolta” são três palavras que revelam a concepção marxista da luta de classes exemplificada na síntese de Lukács, em parágrafos anteriores, e que aqui será apropriada para afirmar que: o pensamento é “a esperança”; a realidade em sua dinâmica é “o movimento”; o sujeito está expresso na palavra “revolta” que situa o poeta como conhecedor e agente do sistema opressor colonial.

Tais ideias estão unidas à autoconsciência do sujeito histórico que se identifica, no texto de Margarido, como “homem social”, “homem integral”. Na lide entre sujeito e objeto, observamos o suceder dos acontecimentos que provocam uma mudança das categorias do pensamento sobre a fronteira qual “espaço vivo” na marcha do desenvolvimento da história. Posto que, em o “homem social” o sujeito se deseja inserido nos desenhos das políticas públicas como sujeito de direitos e não mercadoria do capital.

O “homem integral” desperta pensar na gênese do desenvolvimento da relação capitalista que depende de fatores da ordem social, econômicos e institucionais historicamente variáveis. A ação literária é, aqui, nesta análise, a ação política que se integra no âmbito do sistema das fronteiras simbólicas que são ultrapassadas, via artefato linguístico, para denunciar a lógica dos modos de produção.

Os choques entre a modernidade e a tradição, de que fala Leite (1998), estão impressos nos versos – “Inclino-me além das próprias fronteiras”. O sujeito histórico busca o sentido da evasão, da partida consciente que destrói as fronteiras minadas para reconstruir no inclinar as fronteiras culturais, sendo um e dois ao mesmo tempo.

Dualidade presente no excerto que afirma. “Nenhuma luz nos ofusca a visão/ e dolorosamente nos encontramos,/ acertando o passo/ acertando as ideias”. A simbologia de acertando os passos e ideias é denunciadora do trafegar, do atravessar fronteiras porque as luzes já não ofuscam o sentido da liberdade.

O romper as fronteiras simbólicas permite a fluidez e mobilidade linguística que possibilita a reflexão sobre a própria condição que reivindica que, após acertar as ideias, os sujeitos estão “procurando afirmar(-se) no espaço vivo” (MARGARIDO in FERREIRA, p. 472). Assim, a solidariedade, a hospitalidade da produção – em conjunto com as forças produtivas – vão definir a resultante da luta de classes: o transformador das condições por eles mesmos criadas, desde “varrendo com decisão”, para finalmente declarar: “A terra é nossa”, ou seja, os meios de produção que, também, exprimem uma relação imediata com a natureza.

Relação que é revelada na atividade sensível, mas também, na intimidade do sujeito com esse espaço natural/vivo, pois, segundo ele, “A terra é nossa”, porque “guarda a marcha dos nossos pés”. O sentido de ser soldado do capital está no uso da palavra marcha, em lugar de marca.

Vale destacar que, a fronteira entre a linguística do mundo luso e a do africano é minada pela metáfora inusitada que denuncia o uso das forças sobre o sujeito que lavra a terra e não apenas pelo padrão que confirma a conquista e apropriação, através do marco divisor. Vinca, assim, a palavra marcha os conflitos históricos e sociais denunciando a falsidade de suas configurações.

O processo de exploração, perceptível no verso – “está empapada pelo nosso suor”, se converte em processo de produção dos que estão em luta interna, pois declaram – “eis que avistamos a hora rubra do amanhecer” (MARGARIDO in FERREIRA, p. 472).

No panorama da fronteira simbólica, o poeta caboverdiano, Manuel Lopes afirma: “Nunca parti deste cais/ e tenho o mundo na minha mão!” (LOPES in FERREIRA, 1989, p. 190). Tal imagem nos proporciona confirmar a frequência do trânsito de culturas ao qual foram submetidos os africanos quando da presença dos europeus, confirmando a interação e as práticas sociais ali impostas. O que é visível no verso de Margarido – “eis que avistamos a hora rubra do amanhecer”.

As evidências das conexões entre explorador e explorado, desde o texto de Margarido, demonstram os liames que ligam os eventos – simbólicos e literários, sociais e históricos, econômicos e políticos, colaborando à construção imaginária do que está posto nos dois últimos versos do poema – “e no céu cru da ilha a palavra justiça/ ondula”.

A título de conclusão, a palavra “justiça” revela o teor do sentido da práxis, pois o texto de Manuela Margarido permitiu perceber a interpretação do mundo, conseguindo ver o “verdadeiro” e o “verificado” desde a atividade produtiva do sujeito africano no real sentido da atividade prático-criativa: a palavra poética “de abandono e medo” (MARGARIDO in FERREIRA, p. 470).

#### 4 CONCLUSÃO

O texto de Margarido possibilitou articular as instituições com a vida, as relações humanas com a história em diálogo com as fronteiras simbólicas em suas interações e práticas sociais em permanente construção das identidades dos sujeitos africanos – “Preciso ser um outro/ para ser eu mesmo” (COUTO in SAÚTE, 2004, p. 493).

As combinações e provocações culturais, simbólicas e históricas, (“dos tempos pelo medo habitados,/ ora já cindidos/ pela baioneta lacerante da liberdade” (BUCUANE in SAÚTE e MENDONÇA, p. 258)) desde a metáfora das fronteiras simbólicas, favorecem perceber estratégias cognitivas, imaginárias, estéticas e sociais no processo de criação poético/libertárias. Tais leituras, em consórcio com o que lhes cerca, o mar, tornam-se mais significativas e inovadoras do ponto de vista das metáforas inusitadas, cujo vetor da apropriação simbólica é o mar como ícone de (re)reflexão: enigma de rebeldia e libertação derrubando paradigmas fronteiriços.

O texto de Maria Manuela Margarido despertou habilidades e competências linguísticas e culturais, comprometidas, com a poética marítimo/denunciadora, através da leitura reveladora do processo de contradição social, humana e econômica, nele marcante através da mediação do literário.

A práxis, como ação que denuncia a unidade entre o sujeito e objeto, traduz a *poiesis* das relações humanas, através de NA BEIRA DO MAR que se funda no ato simbólico – o literário – de liberdade e conquista de igualdade entre os sujeitos que “sonha(m) na distância/ uma vida mais livre” (MARGARIDO in FERREIRA, p. 472).

## NOTAS

<sup>1</sup> Personalismo designa um movimento surgido na França, por volta de 1930, em torno da revista “Espirit”, sob a guia de Emmanuel Mounier (1905-1950). Este movimento desenvolve uma concepção filosófica, chamada Personalismo comunitário, que insiste no valor absoluto da pessoa e nos seus vínculos de solidariedade com as outras pessoas. O humanismo personalista de Mounier se opõe tanto ao individualismo burguês, objeto de uma crítica intransigente, como ao coletivismo soviético, não deixando de simpatizar, todavia, com o marxismo, com o qual travou um intenso diálogo “espiritual”. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO 1992, p. 925 aspas dos autores).

<sup>2</sup> A Práxis é o ato que realiza a unidade entre o sujeito e o objeto, na medida em que traduz em nova estrutura econômica a consciência das relações entre os homens. Nela coincidem as determinações do pensamento e o desenvolver-se da história. Por isso, a Práxis é a consciência da totalidade e a sua realização. A consciência, porém, não precede a ação; pelo contrário, ela funda-se no ato. O proletariado, escreve Lukács, conhece a própria situação enquanto luta contra o capitalismo e age enquanto conhece a própria situação. Em síntese, são três os termos usados por Lukács: 1) o pensamento; 2) a realidade em sua dinâmica; 3) o sujeito. A Práxis é o ato revolucionário que realiza o sujeito (o proletariado) como conhecedor e agente ao mesmo tempo que, simultaneamente, fundamenta a identidade do pensamento e da história (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO 1992, p. 989).

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. **Antologia temática de poesia africana 2 – O canto armado**. Lisboa: Sá da Costa, 1979.
- APA, Livia, BARBEITOS, Arlindo e DÀSKALOS, Maria Alexandre. **Poesia africana de língua portuguesa (Antologia)**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- BERGER, Isis Ribeiro. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2v. Brasília: Edunb, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.
- CATAIA, Márcio Antônio. Fronteiras: territórios em conflito. In: Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia (EPEG), 13., 2008, Cascavel. **Anais do XIII Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia (EPEG)**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2008. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/download/4296/3309/15714>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

- CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**: literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011
- FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos**. Lisboa: Plátano Editora, 1989.
- FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban II**. Lisboa: Plátano Editora, 1997.
- NEVES, João Alves das. **Poetas e contistas africanos**. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s). **Revista del CESLA**, Varsóvia, n. 8, p. 9-19, jan. 2006. Disponível em: <<https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/228>>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAÚTE, Nelson, **Nunca mais é sábado** – antologias de poesia moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

## RESUMO

O presente trabalho elabora uma visão do sujeito diaspórico africano através da metáfora das fronteiras simbólicas que o texto literário, “Na beira do mar”, de Manuela Margarido - santomense, através da marca do “humanismo personalista”, (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1992), denuncia. A poeta santomense articula o modo de apropriação do sujeito histórico submisso ao mundo do capital desde a criação de fronteiras forjadas pelos acordos coloniais.

**Palavras-chave:** Fronteiras simbólicas e linguísticas; Cultura; Literatura.

## ABSTRACT

The present work elaborates a vision of the African diasporic subject through the metaphor of the symbolic borders that the literary text, “Na beira do mar”, by Manuela Margarido - from São Tomé, through the mark of “personalist humanism”, (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1992), denounces. The Sao Tome poet articulates the mode of appropriation of the historical subject submissive to the world of capital since the creation of borders forged by colonial agreements.

**Keywords:** Symbolic and linguistic borders; Culture; Literature.